

A QUESTÃO TEÓRICA DA COMUNICAÇÃO

Entrevista¹ com o professor Luiz Cláudio Martino

Dealessandro David Lima de Melo²

RESUMO

Nesta entrevista, o professor e autor Luiz Cláudio Martino fala sobre as teorias e a epistemologia da comunicação. Considera a questão teórica da comunicação, ao refletir sobre as perspectivas epistemológicas, a transdisciplinaridade ou interdisciplinaridade transversal. Discute sobre a comunicação como saber específico, a partir da questão das tecnologias da comunicação e o que isso representa para a cultura.

PALAVRAS-CHAVE

Teorias da Comunicação. Epistemologia. Tecnologia. Cultura.

Luiz Claudio Martino, um dos grandes nomes brasileiros na comunicação, é psicólogo, com cursos de pós-graduação em Filosofia, Comunicação e Sociologia, e pós-doutor em Epistemologia da Comunicação e em Teoria da Comunicação. Atualmente é professor titular em Teorias e Epistemologia da Comunicação na Universidade de Brasília.

Existe uma convivência dicotômica entre as teorias de Robert Craig e de Charles Berg quanto à abrangência das teorias da comunicação?

Sim. Mais que duas teorias, são dois posicionamentos em relação às discussões na área. Tal fato sintetiza o debate no início da década de 80 em torno de uma ou mais questões. Cada um afirma algo diferente e, como são duas pessoas com respaldo e história na área, não é muito comum essa contradição se apresentar de forma tão clara. Por este motivo eles se propuseram a defender o seu próprio ponto de vista. O livro “Muitas ou Poucas [Teorias da comunicação: muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007]” vem tratar de uma questão que permanece até os dias atuais. O debate tem uma pertinência não

¹ A entrevista foi realizada como atividade da disciplina de Teorias da Comunicação do Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília.

² Mestrando em Comunicação na Universidade Católica de Brasília.

só epistemológica, mas também no plano das próprias instituições de ensino, o que envolve os estudantes e todos com formação ou interesse pelo estudo da comunicação. Em nosso curso [FAC/UNB], tenho constantemente proposto aos colegas esta questão da quantidade de disciplinas teóricas oferecidas: Quantas disciplinas teóricas podemos apontar em nossa grade? O curso proposto é mais teórico ou prático? O que seria um bom equilíbrio (se é que se trata de equilíbrio)? Essa discussão, apresentada para a realidade prática causa algum desconforto, pois constata-se que, tirando as disciplinas explicitamente nomeadas como teorias da comunicação e metodologia, aparece uma zona obscura de indefinição, disciplinas difíceis de serem classificadas. O que demonstra como este debate tem uma pertinência não só epistemológica como também envolve o plano das próprias instituições de ensino.

A partir da década de 60, observa-se o surgimento de uma literatura sistematizada e reconhecida como teorias da comunicação. Ocorreu uma fragilidade inerente a este processo?

Sim e não. Sim porque o processo é frágil. Como todo processo histórico de formação de novos conhecimentos, as coisas não aparecem tão claras para os pioneiros como para nós que somos seus herdeiros e que, portanto, já nos beneficiamos de todo um trabalho de maturação, de elaboração e decantação de algumas ideias que vão sendo testadas, criticadas e apuradas. Compreensões essas que vão se formando e se cristalizando em investigações que trazem novas marcas constituindo o campo da comunicação. A comunicação foi trabalhada teoricamente pelo menos desde o início da primeira década do século XX, porém de forma isolada e esporádica, o que remeteu a necessidade de confrontação de teses e a existência de certa massa crítica, décadas depois, para que, assim, possibilitasse o surgimento de um trabalho mais consistente. Essa massa crítica foi alcançada na década de 40, onde começa um processo que ficará mais claro na década de 60. A sociedade elabora uma questão clara e necessita de uma resposta à altura: quais são os efeitos dos meios de comunicação?

Evidentemente, o que se discute na década de 60 é fruto de todo esse trabalho que vem se formando e amadurecendo. Na década de 20, uma fundação particular bancou cerca de treze estudos, realizados por pesquisadores acadêmicos (psicólogos, sociólogos e educadores) para responder uma questão: podemos deixar os nossos filhos assistirem

filmes? Podem acessar esse tipo de divertimento? É uma questão que ainda hoje nos é colocada, o que significa dizer que a problemática está intacta. Não é que a questão não tenha sido trabalhada ou que não se tenha mais o que dizer, mas sim que as perguntas persistem e são questões que levam à essência do que é nossa vida hoje. Os meios de comunicação foram percebidos como algo que estrutura a cultura, que influencia na educação, que forma opinião e repercute na política e em todos os setores da vida do cidadão e da pessoa. Nas décadas de 40 e 60, a sociedade de massa que estava em formação vai cobrar cada vez mais a resposta dos setores universitários e científicos, o que conduziu ao surgimento de teorias. Essa inquietação estava aliada à demanda de setores organizados, como a economia (publicidade), a política (opinião pública) e o Estado (propaganda de guerra), que convergem na questão sobre os efeitos dos meios de comunicação.

Poderíamos atribuir o caráter transdisciplinar à comunicação?

Em um primeiro momento sim, porque as disciplinas transitam livremente sobre um tema chamado comunicação. Nesse sentido, as teorias que tomam como objeto algum processo que se possa chamar de comunicação podem ser denominadas "teorias sobre comunicação". De outra parte, não, pois quando falamos de teorias da comunicação a preposição "da [comunicação]" exige uma pertinência da teoria a uma disciplina, a uma problemática e toda teoria está em função de um plano de fundo disciplinar. Você não tem uma teoria sem uma base a partir do qual ela ganha sentido (epistemologia). Citamos, como exemplo, o conceito de indivíduo: na sociologia e na psicologia eles têm conotações muito diferentes. Enquanto para a psicologia o indivíduo é a realidade e o coletivo é a soma dessa realidade, para a sociologia é o inverso: a realidade é justamente o coletivo, haja vista que o indivíduo é o reflexo do coletivo. Quem tem a razão? Não há razão, não se trata disso. São perspectivas sobre o homem, ambas são válidas e proporcionam uma compreensão e nesse sentido são legítimas. São abordagens que nos possibilitam investigações, que permitem entrar no real e entender algo do real que o senso comum não permitiria: isso é teoria. Em suma, o contexto de uma teoria é o plano epistemológico, também conhecido como "disciplina". Não podemos falar de "teorias" sem nos repostarmos a um fundo disciplinar.

Poderíamos dizer que não existem teorias da comunicação?

Existem teorias da comunicação no sentido forte e específico. Teorias que deveriam ser pensadas e articuladas a partir de um fundo epistemológico e não apenas sobre um tema inerente, genericamente formulado como "a comunicação". No texto "Existem teorias da comunicação?" faço de certa forma uma tomada de posição contrária ("não existem"), não porque mudei de opinião e sim por outra razão: a necessidade de abdicarmos de nossa visão do senso comum que nos faz pensar que a comunicação sempre existiu.

Em nossa área há uma forte tendência de naturalizar o fenômeno e assumir uma visão de que a comunicação vem desde que o homem é homem. No entanto, dessa maneira, nós não vamos encontrar o que nos permite falar de uma epistemologia, de um campo especializado e, por conseguinte, de teorias da comunicação. É preciso tomar por base a questão histórica da emergência de um tipo de comunicação ligada à tecnologia e a certas características da sociedade contemporânea e industrial, porque nesse momento aparece o que há de específico nesse processo que constitui a comunicação social. É fácil perceber que, por exemplo, jornalistas, publicitários, formadores de opinião e marqueteiros não eram profissões de sociedades passadas. Portanto, se hoje temos essas instituições, se nos damos conta de quantas pessoas estão mobilizadas para trabalhar a informação e a comunicação na sociedade através de meios tecnológicos, também deveríamos admitir que isso é inédito na história da humanidade, que trabalhamos sobre um fenômeno original, singular, a comunicação moderna, cuja principal característica é o uso de tecnologia e as demandas da sociedade moderna. Como discuto no artigo citado, essa visão naturalizada de comunicação é que nos levou a uma visão do campo teórico da comunicação como algo impossível de ser sistematizado (tudo é comunicação), mas sua "natureza interdisciplinar" deveria ser colocada sob suspeita, já que se apoia na falta de critério em apontar o que seria "teoria da comunicação". Não é estranho que o único consenso de nossa área seja a "interdisciplinaridade"? Não é estranho que correntes de pensamento que discordam de tudo estejam de acordo sob um ponto tão fundamental?

É preciso desmontar esta abordagem naturalizada, estabelecer a singularidade do fenômeno da comunicação moderna e nos afastarmos da ideia que qualquer teoria que fale sobre comunicação é teoria da comunicação.

Quais são as perspectivas epistemológicas para a nossa comunicação?

Eu acredito que são duas e elas persistem desde a década de 60: 1) uma compreensão genérica, então transdisciplinar, interdisciplinar transversal, onde a comunicação é dissolvida dentro de um grande repertório de perspectivas; e 2) a comunicação tomada como saber específico. A questão das tecnologias de comunicação e o que elas representam para a cultura, assim como os meios de comunicação, são ao mesmo tempo produto de uma certa sociedade como também operadores dessa cultura. Operadores carregados de sentido, com toda a repercussão que trazem no universo de nossas vidas. Alguns acreditam que é pouca coisa, que é um isolamento estudar a tecnologia da comunicação.

Seria deixar muita coisa "de fora", mas isso não é correto, pois mesmo a comunicação interpessoal está hoje correlacionada à tecnologia (vide a teoria do agenda-setting, por exemplo). Acredito que nosso estudo seja um tipo, uma certa compreensão do determinismo tecnológico (a tecnologia determina o social), mas isso não é uma posição óbvia. O aspecto tecnológico é uma questão tratada de modo muito supérfluo, pois o determinismo em questão é teórico (epistemológico) e não real (ontologia). Quando digo teórico, digo que qualquer conhecimento é posicionado, qualquer conhecimento é um recorte do real. Faz-se necessário eleger um dos vetores da realidade como fator a partir do qual os outros são interpretados. Acusa-se a comunicação de "determinismo tecnológico", no entanto fica no esquecimento o fato de que não é possível produzir conhecimento sem assumir alguma posição, sem assumir um certo determinismo teórico. Por acaso o sociólogo seria menos determinista quando se propõe a explicar ou entender os fenômenos sociais a partir da sociedade? Ou o antropólogo a partir da cultura? Ou o economista a partir da economia de mercado?

Embarcamos em um espaço de críticas mal colocadas, haja vista a tendência vigente de se deixar seduzir por argumentos pouco fundados. Tal como a complexidade do objeto, que tantas vezes já escutei falar, como se fosse uma razão que impedisse a comunicação de ser estudada como saber específico. Mas a sociedade, a consciência e a cultura seriam objetos menos complexos? Aceitar estes "argumentos" – a ideia de uma complexidade desmesurada ou a acusação de "determinismo tecnológico" – é tanto infundado como

inconsequente, equivale a inviabilizar não somente a Comunicação, mas as ciências sociais em sua totalidade.

Uma vez superada as objeções a uma visão da Comunicação como disciplina das ciências sociais, duas perspectivas epistemológicas se abrem: 1) a transdisciplinaridade/interdisciplinaridade; e 2) a tomada da comunicação como saber específico a partir da questão das tecnologias da comunicação e o que isso representa para a cultura.

Um dos efeitos mais notáveis nos meios de comunicação foi expandir a ideia de presente e ressignificar a tradição. Não quer dizer que não apareça mais, mas que ela agora passa a ser apenas um grande depósito do passado, onde os produtos da tradição podem ser explorados, saqueados, usados para a fabricação do presente, que vou chamar de atualidade imediata. Esse é um conceito chave: uma compreensão macro do sistema de comunicação que vivemos; um sistema focado no presente, marcado por um presente que tem aquelas propriedades do espaço contínuo, no qual tudo está inserido. Um presente que é renovado a cada instante com as tecnologias digitais. O jornal marca a temporariedade de um dia, mas as tecnologias digitais trouxeram a temporariedade instantânea de um fluxo incessante, imediato. Podemos acessar *sites* e *blogs* e encontrar novidades o tempo todo. A novidade é uma grande chave para a compreensão de nossa disciplina e de nossa cultura. É a produção desse valor absoluto, um valor do tempo presente, tecnológico, que é a grande chave e o grande problema da comunicação. Um objeto inerente à organização da sociedade e a cultura moderna, que nos desafia a pensar como nós hoje estamos submergidos na ideia de tempo e seu valor de novidade, de produção incessante, a compulsão à informação e o contato a qualquer preço que vão gerando toda essa paisagem espontaneamente percebida no nosso dia a dia.

A chave está aí, nós não falamos de um social igual ao de um sociólogo, nós falamos de um social produzido tecnologicamente. Não por um jornalista ou publicitário de forma isolada, mas sim por um conjunto, que podemos chamar de atualidade, uma certa arquitetura do sistema de comunicação. Arquitetura que envolve os meios e os próprios receptores dessa demanda de informação. Também é preciso incluir dimensões como o afeto ou desejo: Vem de onde esse *pathos* pela comunicação? Alguns colegas acreditam que vem da curiosidade do homem, como decorrente de seus genes. No entanto tal afirmação é

falsa, essa curiosidade também é criada, a curiosidade pelo homem, pelo humano deve ser inserida no próprio processo histórico do humanismo moderno (incluindo a captura do desejo pela publicidade ou a formação da opinião pública pela propaganda). A Idade Média nunca compreenderia essa nossa paixão de conhecer o ser humano; de querer saber a todo instante sobre a vida das pessoas; de colocar o homem como medida de todas as coisas. Isso não faria sentido para um indivíduo medieval.

Parece que nós estamos totalmente absorvidos pelo mundo demasiado humano, o próprio jornalismo é o relato da grande comédia humana, nos mínimos detalhes: acompanhamos a tragédia, a comédia do indivíduo, nos inserimos dentro desse grande palco montado pelas tecnologias do simbólico, onde se desenrola o drama humano, o teatro do mundo. Uma teoria da comunicação teria muito a discutir com outras disciplinas como a sociologia, a filosofia e outros tipos de saberes e não simplesmente tomar emprestado a importação de teorias.

Eu acredito que esta perspectiva da Comunicação tem condições de dialogar de igual para igual e de trazer sua contribuição para esse grande fenômeno que é o estudo da comunicação social.

The theoretical question of communication

ABSTRACT

In this interview, the Brazilian professor and author Luiz Claudio Martino talks about the theories and the epistemology of communication. He considers the theoretical question of communication, when reflecting on epistemological perspectives, transdisciplinarity or transversal transdisciplinary. He discusses communication as a specific knowledge, departing from the issue of communication technologies and what it represents for culture.

Keywords: Theories of communication. Epistemology. Technology. Culture.

La cuestión teórica de la comunicación

RESUMEN

En esta entrevista, el profesor y autor brasileño Luiz Cláudio Martino habla sobre las teorías y la epistemología de la comunicación. Considera la cuestión teórica de la comunicación, al reflexionar sobre las perspectivas epistemológicas, la transdisciplinariedad o interdisciplinariedad transversal. Discute sobre la comunicación como saber específico, a partir de la cuestión de las tecnologías de la comunicación y lo que esto representa para la cultura.

Palabras clave: Teorías de la Comunicación. Epistemología. Tecnología. Cultura.

Recebido em: 30/03/2017

Aceito em: 11/06/2017